

XENOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR E AS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE CORUMBÁ – MS

Xenophobia in the School Environment and Municipal Public Schools in Corumbá – MS

Xenofobia en el Ámbito Escolar y las Escuelas Públicas Municipales de Corumbá – MS

DOI 10.55028/geop.v19i36

Laiz Nascimento Egues*
Patricia Teixeira Tavano**

Resumo: O artigo examina a presença da xenofobia nas escolas públicas municipais de Corumbá-MS, abordando como ela se manifesta e é percebida no cotidiano escolar. A pesquisa revela que a xenofobia muitas vezes aparece de forma pejorativas “brincadeiras entre os estudantes”, indicando uma normalização preocupante desse comportamento. O estudo destaca a importância de reconhecer essas atitudes como prejudiciais e de implementar estratégias educativas para promover um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso. Os resultados sublinham a necessidade urgente de ações pedagógicas que conscientizem os alunos sobre a gravidade da xenofobia e incentivem a empatia e o respeito mútuo.

Palavras-chave: Xenofobia, Escola, Fronteira.

Abstract: The article examines the presence of xenophobia in municipal public schools in Corumbá-MS, addressing how it manifests and is perceived in the school environment. The research reveals that xenophobia often appears in the form of pejorative “jokes among students,” indicating a worrying normalization of this behavior. The

Introdução

O Brasil possui mais de 16.000 km de linha de fronteira terrestre com os países da América do Sul, e conta com 33 cidades gêmeas, designação dada quando duas cidades, compartilham sua linha de fronteira e têm alto potencial de interações econômicas, sociais e culturais (Brasil, 2021). A proximidade pode facilitar a interação entre as duas cidades, e criar uma relação que inclui a partilha de recursos, infraestrutura e até mesmo a colaboração em projetos específicos. Estas cidades muitas das vezes enfrentam desafios e oportunidades ímpares, o que pode influenciar suas relações políticas, sociais e econômicas.

* Graduada em Pedagogia (UFMS). E-mail: laiz.nascimento@ufms.br.

** Graduação em Pedagogia (ULBRA); Mestrado em Educação (USP); Doutorado em Educação (USP). Professora da UFMS, Pesquisadora do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (Migrafron). E-mail: patricia.tavano@ufms.br. ORCID: 0000-0002-3145-7818.

study highlights the importance of recognizing these attitudes as harmful and implementing educational strategies to promote a more inclusive and respectful school environment. The results underscore the urgent need for pedagogical actions that raise students' awareness of the severity of xenophobia and encourage empathy and mutual respect.

Keywords: Xenophobia, School, Border.

Resumen: El artículo examina la presencia de la xenofobia en las escuelas públicas municipales de Corumbá-MS, abordando cómo se manifiesta y se percibe en el cotidiano escolar. La investigación revela que la xenofobia aparece a menudo en forma de "bromas entre estudiantes" peyorativas, lo que indica una preocupante normalización de este comportamiento. El estudio destaca la importancia de reconocer estas actitudes como nocivas e implementar estrategias educativas para promover un ambiente escolar más inclusivo y respetuoso. Los resultados resaltan la necesidad urgente de acciones pedagógicas que conciencien a los estudiantes sobre la gravedad de la xenofobia y fomenten la empatía y el respeto mutuo.

Palabras clave: Xenofobia, Escuela, Frontera.



Corumbá, localizada no estado brasileiro de Mato Grosso do Sul, e suas gêmeas Porto Quijarro e Porto Soares, situadas na província de Gérman Busch na Bolívia, constituem-se em uma linha de fronteira com alta circulação de pessoas, serviços e bens de consumo, o que leva à frequente presença de bolivianos em Corumbá, e vice-versa.

A presença de bolivianos em Corumbá pode parecer harmônica, mas ao olharmos mais atentamente, percebemos que essa harmonia pode ser rompida, como indica Vernochi (2022, p.12):

A convivência da população daquela região fronteiriça, à primeira vista, parece ser amigável, já que há uma dependência econômica entre os dois lados, pelo fato de estarem distantes dos grandes centros de distribuição. [...] É comum ver estabelecimentos de "bolivianos" em toda cidade, seja vendendo produtos alimentícios, eletrônicos ou roupas. Porém, às vezes, ao andar por essas regiões, é possível ouvir comentários ofensivos em relação aos habitantes do país vizinho, principalmente no trânsito.

Além do comércio e serviços, a presença de bolivianos também é recorrente na Rede Municipal de Educação (REME), como indicam, por exemplo, Tavano e Oliveira (2024). Esses estudantes compartilham as salas de aula com estudantes brasileiros e trazem hábitos, culturas e idiomas diversos, visto a Bolívia ser um Estado pluricultural e plurilíngue.

Na Bolívia, uma rica diversidade linguística permeia sua cultura, e o es-

panhol é uma das línguas dos bolivianos, ao lado de uma rica diversidade de idiomas originários. Moraes (2012, p. 37) nos esclarece essa situação: “Numa realidade de fronteira semiconurbada, como é o caso da cidade de Corumbá, o bilinguismo é praticado por alunos moradores da Bolívia que estudam no Brasil”, e que procuram o lado brasileiro para realizar todo o ensino básico, trazendo consigo toda a riqueza do bilinguismo e a cultura boliviana”. Com isso, o bilinguismo, e quiçá o multilinguismo, também pode estar presente nas salas de aula das escolas da REME. Já pelo lado brasileiro, o português é a língua oficial e é ensinado nas escolas de modo contínuo, e o bilinguismo pode não ser tão usual.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é obrigatória a presença da língua estrangeira no currículo das escolas brasileiras. Nesse contexto, o inglês é predominantemente reconhecido como a língua estrangeira mais ensinada e estudada nas instituições de ensino do país. Essa escolha é reflexo da importância global do inglês como língua franca em diversos campos, como negócios, ciência, tecnologia e cultura, além de ser uma ferramenta essencial para a comunicação internacional. A BNCC (2017, p. 243) diz que:

[...] o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos [...]

Assim, a BNCC enfatiza o ensino do inglês como uma forma de preparar os alunos para interagir e participar ativamente em um mundo cada vez mais globalizado, sem, entretanto, vetar a introdução de outros idiomas no currículo escolar. Oliveira (2020) relata que no ano de 2012, o município de Corumbá se adequou a uma série de legislações educacionais, e:

[...] inseriu o ensino da língua estrangeira no Ensino Fundamental I (séries iniciais). Desde então as escolas que apresentavam o maior número de alunos estrangeiros passaram a ofertar o espanhol como língua estrangeira na base diversificada, devidamente aprovada pelo Conselho Municipal de Educação daquele município (Oliveira, 2020, p. 07).

Contudo, na atualidade, apenas as escolas da REME de regime integral oferecem o ensino de espanhol aos seus estudantes, o que pode ser uma forma de negligenciar a característica fronteiriça de Corumbá que recebe em seu sistema educacional estudantes que têm o idioma espanhol como língua de comunicação prioritária. Vale notar que, no ano de 2022, foram registrados cerca de 110 estudantes migrantes internacionais na REME (Tavano; Oliveira, 2024) o que representaria cerca de 1% do total dos estudantes matriculados. Ainda que sejam proporcio-

nalmente poucos, os estudantes migrantes internacionais e falantes de outros idiomas são frequentes no sistema educacional corumbaense e, acreditamos, que precisam ser considerados na construção de políticas públicas e ações educativas.

Ao constatarmos a presença contínua de estudantes bolivianos matriculados na rede pública de ensino do município, é importante questionar como esses migrantes estão sendo acolhidos, recebidos e se relacionam no ambiente escolar. É fundamental garantir que todas as crianças e jovens, independentemente de sua nacionalidade ou origem étnica, sintam-se bem-vindas e seguras em suas escolas. Nesse sentido, este artigo foca em retratar a convivência dos alunos bolivianos em ambientes escolares, explorando o processo de ensino-aprendizagem e a dinâmica da interação com colegas brasileiros.

Migrantes Bolivianos em Corumbá

Ao se situar em uma linha de fronteira com a Bolívia, Corumbá acaba por se tornar em um ponto de fluxo significativo de migrantes que entram e saem do município constantemente. Segundo Oliveira e Melo (2019, p. 59):

Na atualidade, aquele espaço é palco de tripla tipificação da imigração de brasileiros e bolivianos e outras nacionalidades: os permanentes, que emigraram para o país vizinho ao seu, e lá se estabeleceram; os de passagem, que fazem uso da fronteira como uma instância deliberativa para seu ingresso; e os pendulares, que desenvolvem atividades empreendedoras, laborais ou estudantis no país vizinho, retornando para seu país de origem rotineiramente.

Nessa dinâmica cotidiana de vaivém, ocorre uma imersão e emersão simultânea em ambas as direções. Em outras palavras, à medida que as pessoas emergem de seu país para se imergir em outro, também emergem do país vizinho para se imergir novamente em sua terra natal. Essa constante alternância entre imersão e emersão representa não apenas um movimento físico, mas também uma troca cultural e social que influencia profundamente a vida e a identidade das comunidades ao longo da fronteira. Villela (2002, p. 12) exemplifica que:

As diversas festas bolivianas, a culinária, a língua são símbolos que, ao mesmo tempo em que marcam diferenças culturais, são acionados por esses atores sociais em situações específicas, seja na luta política por direitos, seja na afirmação de suas identidades e de sua presença na cidade de Corumbá.

Esse movimento de ida e volta também inclui os estudantes bolivianos que residem na fronteira de Porto Quijarro, Porto Suarez e optam por estudar nas escolas corumbaenses. Segundo Moraes (2012, p. 22): “Os alunos que moram na Bolívia têm o seu território; ao vir para o Brasil estudar eles desterritorializam

onde estavam e reterritorializam no Brasil, mais precisamente na escola onde estudam. E fazem esse movimento diariamente”, o que pode gerar impactos no processo de aprendizagem, em especial por conta da língua.

A comunicação com esse grupo de estudantes instiga à reflexão, pois em suas regiões de origem, eles dominam o espanhol (castelhano), porém, ao cruzar a linha de fronteira, passam a utilizar o português, língua materna dos estudantes brasileiros. Essa transição linguística e mudança de idioma pode acontecer de forma saudável e espontânea, mas também pode gerar algumas dificuldades para a integração ao ambiente escolar. Adaptar-se a um novo idioma pode ser desafiador, especialmente em um ambiente de aprendizado, onde a comunicação eficaz é essencial. No entanto, muitos desses estudantes demonstram uma notável capacidade de se ajustar, aprendendo rapidamente o português e participando integralmente das atividades escolares. Essa experiência bilíngue não apenas enriquece suas habilidades linguísticas, mas também promove a diversidade cultural e a integração entre os estudantes de diferentes nacionalidades. Moraes (2012, p. 35) indica que:

Empiricamente é possível notar que a maioria dos alunos que moram na Bolívia e procuram educação no lado brasileiro já estão no processo de bilinguismo, já dominam a Língua Portuguesa para a conversação [...] É claro que há alguns casos de alunos que aprendem a falar o português na escola. A questão preocupante é o preconceito linguístico dos nacionais brasileiros que desvalorizam esse potencial bilíngue e não fazem questão de aprender a língua do país vizinho. Assim essas crianças e adolescentes bilíngues percebem esse preconceito e não se sentem à vontade em falar o espanhol, por isso só falam em português com os professores.

Os bolivianos, em grande parte, são vistos pelos brasileiros como “estrangeiros” e como “indígenas”, ou ainda se referem a estes de maneira depreciativa, chamando-os “bugres”. As diferenças entre eles são percebidas quando se encontram com estudantes brasileiros, e é importante notar quais símbolos e elementos culturais são usados pelos grupos para marcar essas diferenças. Portanto, a cultura, como um forte indicador de identidade, se torna um elemento importante na disputa simbólica e por poder político na fronteira. Villela (2002, p. 12) traz que:

[...]a cultura se mistura com o racismo, nas representações da alteridade dos bolivianos pelos brasileiros, os quais reproduzem discursos preconceituosos que classificam os bolivianos como “sujos, feios, corruptos, doentes e pobres”.

Vernochi (2022, p. 33) exemplifica que:

Os alunos que praticam xenofobia ou bullying utilizam termos como “boliva” ou “fedido” para se referirem aos alunos bolivianos. Já nas escolas da cidade de Corumbá, na maioria das vezes é utilizada a palavra “choco”. Por mais que utilizem esta palavra

de forma pejorativa, na Bolívia ela significa “loiro” ou “ruivo”, o que acaba sendo uma contradição.

Assim, entre contradições, depreciações e possibilidades de inserção, a xenofobia se mostra nas escolas corumbaenses que historicamente recebem estudantes migrantes internacionais. Vejamos como essa xenofobia se apresenta nas pesquisas realizadas.

Xenofobia a partir das dissertações do MEF

A palavra xenofobia tem origem grega e é formada pela junção de duas palavras: xenos (estrangeiro ou estranho) e phobos (medo). É um termo que representa a incapacidade de tentar entender o desconhecido, sendo fruto da ignorância, que muitas vezes vêm de questões históricas, sociais, econômicas ou religiosas (Vernochi, 2022).

A compreensão das manifestações xenofóbicas encontradas nas escolas de Corumbá foi o foco desse artigo, que utilizou como base de dados as dissertações defendidas no Mestrado em Estudos Fronteiriços, e que estão disponíveis no Portal do Mestrado em Estudos Fronteiriços (MEF) no período de 2009 a 2023.

Utilizando o mecanismo de busca rápida disponível no Portal, identificamos que apenas uma dissertação menciona a palavra “xenofobia” relacionada à temática educação ou escola. Reconhecendo que essa busca pode ser limitada, passamos à leitura de todos os resumos das dissertações, o que nos permitiu identificar mais nove dissertações que abordam o tema em seus conteúdos, entretanto, dessas nove, apenas quatro trazem a temática de escola e educação associadas à “xenofobia”. Identificamos ainda que, outras duas dissertações, embora não façam menção direta à palavra “xenofobia”, abordam questões correlatas, como discriminação e preconceito, fornecendo um mapeamento essencial da realidade escolar. Essas pesquisas são igualmente relevantes, pois exploram fenômenos relacionados que contribuem para a compreensão mais ampla das dinâmicas sociais e interculturais dentro do contexto educacional, e, por isso, foram incluídas. Ao final, foram selecionadas sete dissertações defendidas no MEF para análise aprofundada, como indica o Quadro 1.

Quadro 1. Seleção de dissertações do Mestrado em Estudos Fronteiriços utilizadas na pesquisa

Título	Autor	Ano	Palavras-chave
O idioma e a escola de Fronteira como Fatores de Inclusão Social de Crianças e Adolescentes em Corumbá – MS (BR)	Maria Lucia Ortiz Ribeiro	2011	Criança; Escola; Fronteira; Migrantes; Políticas Publicas
Bilinguismo e Jogo de Identidades na Região de Fronteira: Escola Eutrópia Gomes Pedroso de Corumbá	Lourival Monteiro de Moraes	2012	Fronteira; Bilinguismo; Jogo de Identidades
Discrição Sociolinguística de Textos de Alunos Bolivianos em Escolas Brasileiras de Fronteiras	Nedy de Barros	2014	Fronteira, Sociolinguística, Variação de ortografia
A multiculturalidade na escola de Fronteira	Thiago da Silva Godoy	2016	Educação; Fronteira
Estudos das Línguas no contexto de Fronteira Bolívia – Brasil: Reflexão Políticas Linguísticas	Mariana Vaca Conde	2020	Imigrante; Discriminação; Dignidade da pessoa humana
Xenofobia em Ambiente Escolar Fronteiriço – uma análise de estudo de caso em Corumbá – MS	Alcino Gabriel da Silva Vernochi	2022	Xenofobia; Fronteira; Escola
O Atendimento ao aluno semi-retornado: proposta de modificações qualitativas no âmbito da educação das escolas corumbaenses	Gilmar Fernandes Martins	2023	Fronteira; educação; Migração Internacional

Fonte: organização própria.

A dissertação de Maria Lúcia Ortiz Ribeiro, não menciona explicitamente a palavra “xenofobia”, mas se concentra em uma investigação etnográfica realizada na Escola Municipal Rural Integral Eutrópia Gomes Pedroso, onde analisa como os estudantes bolivianos são recebidos nessa escola. Ribeiro (2011) descreve que, em certos momentos, eles enfrentam discriminação e aversão por parte dos colegas brasileiros e relata que:

[...] um conflito típico do cotidiano escolar, marcado pela violência verbal que aparece como discriminação, segregação, exclusão ou simplesmente como indiferença ao outro. Atualmente esse comportamento tem aumentado, tanto do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo. A violência explícita é controlada nas escolas por meio de “punições”, porém a violência mascarada ou simbólica, essa fica impune, geralmente confundida como indisciplina (Ribeiro, 2011, p. 42).

Essa relação da escola com a violência mascarada ou simbólica será vista em outras pesquisas também. A pesquisa de Lourival Monteiro de Moraes explora as questões do bilinguismo e das identidades dos estudantes brasileiros que vivem na Bolívia, mas estudam no Brasil e lidam com esse fluxo diário entre os dois países. Assim como Ribeiro (2011), Moraes (2012) também foca na Escola Municipal Rural Integral Eutrópia Gomes Pedroso, onde, segundo o autor, cerca de 40% dos estudantes matriculados estão nessa categoria de estudantes brasileiros residentes na

Bolívia. O estudo buscou entender como esses sujeitos constroem sua identidade diariamente, vivendo com suas famílias na Bolívia e depois estudando no Brasil, e participando ativamente das atividades escolares.

O autor observa que desde o começo da educação formal, os estudantes são desencorajados a usar o espanhol para facilitar o aprendizado eficiente do português. Também é notado que os estudantes que residem na Bolívia preferem se comunicar em espanhol apenas entre si, o que pode indicar que se sintam frustrados ao conversar em espanhol com colegas brasileiros e professores, como podemos observar no excerto a seguir:

[..] as professoras regentes dos anos iniciais do ensino fundamental os coíbiam de falar espanhol a todo tempo, para assim poder ensinar a Língua Portuguesa com mais eficiência [...] Na verdade, esses alunos conversam mais em português com os professores e com os demais alunos que moram no Brasil. No entanto, só falam em espanhol com os outros alunos que moram também na Bolívia (Moraes, 2012, p. 17).

Moraes também discute os desafios que os estudantes moradores da Bolívia que estudam no Brasil, enfrentam nas áreas de fronteira, incluindo o preconceito por parte dos estudantes brasileiros. Além disso, os estudantes bolivianos podem enfrentar atitudes preconceituosas por parte de colegas brasileiros, o que influencia suas experiências escolares e suas relações interpessoais. Moraes exemplifica que, (2012, p. 25):

É muito comum na escola usar o termo “boliviano” de modo pejorativo, com o sentido de diminuir o próximo. Na escola pesquisada, como quase 40% dos alunos são de moradores da Bolívia, esse preconceito nacional, diminui bastante. Só é aflorado quando há uma discussão ou briga. Na sala de aula um aluno discutiu com o morador da Bolívia e disse: “Vai estudar na Bolívia, seu boliviano, aqui é o Brasil”. O aluno aparentemente não ligou nem devolveu a provocação.

A pesquisadora Nedy Barros conduziu um estudo com o objetivo de analisar textos escolares escritos por estudantes bolivianos que frequentam escolas brasileiras na fronteira entre Brasil e Bolívia, usando a Teoria Sociolinguística como base. O estudo considera fatores linguísticos e sociais, tais como: (substantivo, verbo, etc.) e tamanho de palavra usada; essas palavras aparecem na frase; a pessoa que está falando; em que língua o estudante aprendeu a escrever; o sotaque que eles têm; o tipo de escola que eles frequentam. O objetivo é entender por que esses estudantes escrevem de maneira diferente, muitas vezes usando uma ortografia que não é a padrão e misturando palavras em português e espanhol. Barros (2014, p. 26) exemplifica que:

A convivência, em um ambiente próximo, com falantes de duas línguas de fronteira, o Espanhol e o Português, apresenta uma situação atípica: em que os familiares (pai/

mãe/avó) falam o idioma nativo (espanhol) e nas escolas brasileiras falam e recebem conhecimentos em português. Estes alunos que possuem pais (mãe e pai/mãe ou pai) de nacionalidade boliviana apresentam certa dificuldade para escrever, até falar em português, pois não entendem o significado de certos vocábulos e apresentam, na linguagem escrita, mesclas dos dois idiomas.

Nesse contexto crítico, entender que fronteira não é algo fixo, mas sim uma conexão dinâmica, inclusive entre línguas, é essencial. Nas expressões sociolinguísticas, as fronteiras são sinais interativos que ligam uma língua a outra e se manifestam na forma como as pessoas escrevem e falam nessa região específica. Na sua dissertação, a autora explora a dificuldade enfrentada por estudantes bolivianos ao escrever em português, e descreve como eles reagem ao serem incentivados a produzir textos: Explica que:

[...] a maioria dos alunos que comete desvio na ortografia do português são aqueles que moram na Bolívia e atravessam diariamente a fronteira para estudar no Brasil. Em segundo lugar estão os informantes que possuem residência em ambas as cidades, ou sejam, declararam morar exatamente na fronteira, entre a escola e a Bolívia, sendo que nos dias úteis ficam em Corumbá/MS e aos finais de semana, férias e feriados vão para Puerto Quijaro, na Bolívia. Em terceiro lugar aparecem os poucos alunos que moram em Corumbá. Estes alunos bolivianos são os que menos cometem desvios da norma do código escrito. É possível que isso se deva ao fato desses alunos bolivianos estarem mais intensamente expostos ao idioma português em seu dia a dia (Barros, 2014, p. 91).

A autora, em sua dissertação, aborda a definição e a experiência de estudantes brasileiros. Na área da educação, é significativo o número de alunos que vêm de Puerto Quijarro, na Bolívia, para cursar a educação básica em Corumbá, no Brasil. Muitos desses alunos fazem o trajeto de ida e volta diariamente. Barros (2014, p. 20) aponta que:

Alguns destes alunos em conversa informal declararam que os pais preferem que estudem aqui porque nas escolas brasileiras o ensino é mais “forte” e os alunos recebem livros e materiais escolares, uniforme, vale transporte, merenda, etc.

Barros destaca a importância de examinar as fronteiras estatais com uma mente aberta, permitindo não só a identificação e compreensão da diversidade e mistura de identidades, mas também das suas distinções e conflitos. Ela destaca as disputas culturais que ocorrem nas extremidades do poder. Por isso, é necessário investigar como os processos históricos construíram esses limites e identificações na fronteira entre Brasil e Bolívia, especificamente entre Corumbá e Puerto Quijarro. A autora exemplifica que:

Este tipo de discurso pode dividir as pessoas e grupos sociais apenas por sua origem nacional, em um lugar de intenso trânsito binacional, principalmente porque inúmeras práticas que tangenciam a lei, especialmente as inúmeras modalidades de comércio fronteiriço, estão comumente associadas apenas aos bolivianos, reforçando estigmas e preconceitos xenófobos na região (Barros, 2014, p. 22).

A dissertação de Thiago Godoy se volta para a Escola Municipal de Educação Integral Tilma Fernandes Veiga, destacando o multiculturalismo como uma forma de superar as limitações educacionais ainda presentes. Segundo o autor, a escola é caracterizada por uma forte presença das culturas brasileira e boliviana, e levanta reflexões sobre desafios não resolvidos internamente, propondo caminhos para o desenvolvimento do cidadão. Como parte de sua pesquisa, está a análise da componente curricular “Formação Cidadã”, que compõe o currículo das escolas municipais de Corumbá, que visa promover reflexões sobre a realidade monocultural na educação e combater preconceitos contra diversos grupos sociais, incluindo estudantes bolivianos e minorias. Godoy (2016, p. 40) explica que:

As culturas pátrias e étnicas, no entanto, também são evidenciadas no ambiente escolar, por meio de sotaques, hábitos, indumentárias e até objetos escolares. Um exemplo, na escola Tilma Fernandes Veiga, é a predominância de cadernos quadriculados, amplamente usados por estudantes oriundos de Puerto Suarez e região. Comumente usados para as aulas de matemática, esses cadernos são usados pelos estudantes bolivianos também para os outros componentes curriculares, o que causa estranheza aos estudantes brasileiros, levando-os, inclusive, a fazer constantes chacotas sobre os colegas do país vizinho.

No entanto, não basta apenas reconhecer a realidade cultural da Escola. É essencial entender a cultura com uma perspectiva de relação e interação dentro da Escola de Fronteira, que valoriza as conexões humanas. Essa abordagem permitiria o estudo e a discussão de temas como as relações históricas entre o Brasil e a Bolívia, os aspectos culturais dessa interação e outros pontos que promoveriam um maior entendimento e integração entre essas culturas. Godoy (2016, p. 42) discute que:

A cultura da fronteira está presente em todos os elementos da cidade: nomes de ruas, tradições, hábitos citadinos, culinária, dentre outros, mas essa realidade é pouco vivida na estrutura curricular e nos componentes curriculares da escola. Justamente no espaço de maior atuação dessa sociedade, no âmbito da educação formal, a cultura do local pode perder a característica de cerne e ser tratada apenas com uma situação epidérmica, especialmente quando são evidenciadas as miscigenações apenas nos momentos comemorativos. Isso não faria com que as relações pedagógicas dessem primazia para os conteúdos, mesmo que estes possam ser estereotipados e compostos de xenofobia, em detrimento à realidade cultural circundante.

Essa abordagem requer uma nova postura dos educadores na educação formal, incentivando a introdução e incorporação de novos conhecimentos, estratégias e métodos de avaliação no ambiente escolar. Essas mudanças podem ocorrer através de um currículo inovador, que já está sendo desenvolvido na Rede Municipal de Ensino (REME) em Corumbá. Esse currículo deve ser ativamente engajado no processo de emancipação humana e melhoria social, com foco na realidade específica da região de fronteira. Godoy (2016, p. 42) exemplifica que:

Isso não faria com que as relações pedagógicas dessem primazia para os conteúdos, mesmo que estes possam ser estereotipados e compostos de xenofobia, em detrimento à realidade cultural circundante [...].

O objetivo da pesquisa de Mariana Vaca Conde foi realizar um levantamento das línguas presentes na região fronteiriça de Corumbá. Conde (2020, p. 38), sinaliza que:

A linguagem é instrumento pelo qual o homem expressa seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, além de sua vontade e ações. Pela linguagem ele influencia e é influenciado, é marca da sua personalidade, da nação e do lugar onde vive.

A dissertação aborda o conceito de pertencimento na região de fronteira, que se desdobra de forma singular devido à proximidade das cidades, colocando os brasileiros em contato diário com a cultura boliviana e vice-versa. Isso transforma os habitantes da fronteira em sujeitos fronteiriços, mesmo que não haja necessariamente um sentimento mútuo de identificação completa. Conde (2020, p. 70) exemplifica que:

O sentimento de pertencer é mais forte por parte dos bolivianos em detrimento aos brasileiros, [...], já que apenas uma pequena parte dos brasileiros, se sente pertencente a fronteira, a outra parte se considera apenas brasileiro, manifestando algum tipo de negacionismo, frente ao sentimento de apropriação da identidade do território fronteiriço e a identidade da nação vizinha, ambos construídos pela e na representação social e individual a partir das experiências no território.

A autora também destaca que o idioma mais falado pelos bolivianos na região de fronteira é o espanhol. Além disso, ela descreve que o interesse dos bolivianos em aprender a falar o português é maior do que o interesse dos brasileiros em aprender a falar espanhol. Esta dinâmica linguística reflete as complexidades da interação cultural e das relações fronteiriças entre as duas comunidades.

A autora relata a relação dos bolivianos com o território brasileiro de fronteira muitas vezes reflete um senso de pertencimento mais forte do que o dos brasi-

leiros locais. Isso pode ser atribuído a diversos fatores, como a preservação das tradições culturais e identidade étnica, que são mantidas de forma mais vívida e ativa pela comunidade boliviana.

Esse pertencimento ao contexto de fronteira nos identifica enquanto sujeitos do mesmo lugar, mas não impede as marcas de uma diferença explícita em nossa maneira de ser ao estar nesse ambiente. [...] a valorização identitária parece ficar mais explícita quando chegamos a fronteiras, no caso fronteiras internacionais, o que acaba gerando muitas das vezes conflitos políticos locais e até mesmo xenofobia, onde a ideia de limites territoriais nacionais é marcante até mesma pela presença militar do estado que acaba gerando certo medo do outro, como se outro fosse um inimigo (Conde, 2020, p. 71).

O autor Alcino Gabriel da Silva Vernochi, realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar a ocorrência de práticas xenofobas em Corumbá, concentrando-se em escolas que têm um número significativo de alunos bolivianos e brasileiros com ascendência boliviana. O objetivo era obter diferentes perspectivas sobre a presença de xenofobia, sendo o foco principal direcionado para as respostas dos estudantes com ascendência boliviana, pois eles poderiam ser potenciais vítimas dessa discriminação. Vernochi (2022, p. 53) destaca que:

Outros apontamentos importantes são: a questão comercial, a troca cultural, a presença frequente da língua espanhola no dia a dia, a singularidade do ambiente escolar mais próximo da faixa de fronteira, a presença de imigrantes na região, que é explicado pela formação da cidade de Corumbá, a percepção de que a fronteira é o que está do outro lado e não como uma região que abrange tanto o lado brasileiro quanto o boliviano.

O autor discute e questiona a comunicação entre estudantes bolivianos e brasileiros, bem como a interação dos estudantes bolivianos com os funcionários. Foi observado que é feito um esforço para a melhoria da comunicação, pedindo que os estudantes bolivianos falem mais devagar, repitam as palavras e se esforcem para entender o que está sendo dito. O autor também destaca casos de pais de estudantes que enfrentam dificuldades ao tentar se comunicar na escola.

Através dos relatos, confirmamos a existência de pais bolivianos ou que moram na Bolívia que não tem o domínio da língua portuguesa. Dentre as alternativas apontadas para a comunicação, salvo os que possuem um nível elevado de domínio do espanhol e conseguem se comunicar sem muitas dificuldades, estão: chamar um terceiro funcionário que entenda um pouco de espanhol para fazer a mediação ou pedir para falar devagar. Há também pais que já trazem alguém que fala português para facilitar a comunicação e não haver desentendimentos (Vernochi, 2022, p. 58).

Vernochi (2022) discute a presença de estudantes bolivianos. Que são relatadas pelos envolvidos como sutis, se manifestando através de agressões verbais, com o uso de palavras pejorativas para se referir aos colegas bolivianos.

[...] os agressores utilizaram de palavras para se referirem ao colega de forma pejorativa como “bugre” e “choco”. Além disso, é comum se referirem a pessoas nascidas na Bolívia ou que possuem ascendência, com a sua nacionalidade, num tom de superioridade, como se fosse ruim ser boliviano. Outra questão que foi relatada é que também é comum relacionarem o boliviano a falta de higiene de forma negativa. Muitos se referem aos bolivianos como porcos, que não tomam banho, todavia esse discurso é direcionado para com os que apresentam fenótipos indígenas, geralmente os collas, muito presentes nos comércios e feiras ao longo da cidade (Vernochi, 2022, p. 69).

O autor questiona os estudantes sobre medidas que poderiam ser adotadas para reduzir as práticas xenofóbicas no ambiente escolar.

Enquanto alguns não souberam responder, o que é compreensível, pois trata-se de uma situação complexa, outros acharam maneiras que podem parecer simples demais, todavia, se praticadas constantemente, podem ser muito eficazes. Entre elas estão: entender o próximo, respeitar a cultura e idioma (Vernochi, 2022, p. 70).

Além disso, Vernochi (2022, p. 83) também ressalta que:

É perceptível como esse tipo de discriminação afeta o psicológico e a autoestima desses alunos. Os atos discriminatórios relatados por este segmento no ambiente escolar, corresponde à xenofobia que acontece na região, que são através de agressões verbais, disfarçadas de “brincadeiras”, que na maioria das vezes tem o objetivo de ofender.

Mesmo sendo vista de forma pejorativa e muitas vezes como uma brincadeira entre os estudantes, o autor reforça que a xenofobia no ambiente escolar constrange os alunos, limita sua comunicação e impacta seu potencial de aprendizagem.

A dissertação de Gilmar Fernandes Martins destaca a importância de compreender os estudantes bolivianos que residem na Bolívia e frequentam as escolas de Corumbá. Reconhecer seu passado, memória, idioma, linguagem e tradições é fundamental para acolhê-los adequadamente e proporcionar uma educação de qualidade.

Na escola, as diversidades culturais são expostas diariamente, com a multiplicidade das origens dos atores, o conteúdo didático, a língua, as perspectivas de aprendizagem são dimensionadas num processo de homogeneidade cultural. Deve-se atentar à necessidade de aceitação social do aluno. [...] as barreiras da linguagem precisam ser superadas, para a diminuição de fatores de exclusão social – por parte dos colegas brasileiros de mesma idade e por parte dos docentes (Martins, 2023, p. 37).

Martins (2023) sinaliza que há uma restrição ao uso do espanhol dentro das salas de aula, problematizando que:

Essa assimetria na utilização dos idiomas afeta a identidade cultural, mesmo que não seja percebido, ao diminuirmos o uso da língua espanhola na sala de aula, na quadra

de esportes, nos locais de convivência na escola iniciamos um processo de estranheza e reforçamos os preconceitos e as discriminações (Martins, 2023, p. 98).

O autor também destaca o processo de acolhimento ao aluno imigrante, especialmente aqueles provenientes da Bolívia, que deve compreender a adaptação do currículo e o uso de novas práticas e iniciativas educacionais que permitam a abertura de novos caminhos educativos.

É preciso superar inúmeras facetas originadas desse acolhimento, tais quais: multiculturalismo, discriminações diversas – linguística, étnica, xenofóbica, [...]o acesso à escola, a dificuldade em superar as questões de acesso, permanência e condições de aprendizagem, que interferem diretamente consecução do principal objetivo relacionado às crianças e adolescentes matriculadas na Escola: a Aprendizagem do Aluno (Martins, 2023, p. 16).

A importância das instituições públicas de ensino na promoção de processos educativos deve ser absolutamente inclusiva, acolhendo os migrantes internacionais de braços abertos, ouvidos atentos e um sorriso caloroso. Cada aluno é uma fonte de potencial bruto, com habilidades cognitivas tão valiosas quanto as de qualquer outro aluno em Corumbá. Martins (2023, p. 31) destaca que:

Atender ao aluno migrante, residente no lado boliviano da fronteira, na escola brasileira deve ser um fator de transformação na escola, possibilitando o acolhimento do aluno de forma eficazmente solidária e humanitária. O aluno, independentemente da sua origem é, sem a menor sombra de dúvidas o mais importante ator de toda a estrutura educacional.

Considerações Finais

A pesquisa realizada revelou que a xenofobia é um problema presente nas escolas corumbaenses. E se manifesta com mais intensidade através de discriminação, ironias, deboche e preconceito contra estudantes bolivianos que residem, ou não na Bolívia. Muitas vezes, a xenofobia é camuflada como “brincadeira entre estudantes”, mas pode comprometer a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes alvos.

Tem como forma mais comum as ironias e deboches sobre características culturais ou linguagem, mas pode chegar a se tornar violência física em algumas situações, sendo mais usual a violência simbólica que não é necessariamente coibida pela instituição.

Se refletirmos sobre a situação, observamos que muitas vezes os estudantes bolivianos presentes nas escolas municipais são subestimados, como se sua cultura e experiências não tivessem valor algum para contribuir com o processo de

ensino-aprendizagem dos estudantes brasileiros. Ignorar a riqueza de sua cultura e a beleza de suas tradições é um equívoco que priva nossos estudantes de uma compreensão mais ampla e enriquecedora do mundo ao seu redor.

Nas escolas localizadas em regiões de fronteira internacional, há uma mistura única de pessoas com diferentes origens, línguas, conhecimentos e tradições, o que torna a fronteira um lugar verdadeiramente multicultural. Para compreender a multiculturalidade na fronteira e garantir o acesso dos estudantes bolivianos à rede pública de educação, é essencial respeitar e valorizar suas culturas. Ao reconhecer a diversidade cultural e promover o respeito mútuo, podemos combater as práticas xenofóbicas que ainda persistem entre os estudantes. É fundamental criar um ambiente escolar inclusivo, onde a pluralidade de origens e experiências seja celebrada.

Ao abraçar a multiculturalidade, não apenas enriquecemos o ambiente educacional, mas também fortalecemos os laços de respeito e empatia, essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e acolhedora. A conscientização sobre a importância da diversidade cultural e a promoção de valores de tolerância e aceitação são passos cruciais para erradicar a xenofobia e garantir um ambiente educacional acolhedor e enriquecedor para todos os estudantes.

É importante que a escola assuma um papel ativo no combate e na redução da violência na sociedade contemporânea, não como uma adição de responsabilidades, mas como parte essencial de sua função original. A escola não se limita apenas a fornecer educação acadêmica; ela tem o papel crucial de formar cidadãos capazes de pensar criticamente e de se engajar plenamente na vida em sociedade. Quando problemas como violência, discriminação, intolerância, preconceito e estigma estão presentes na escola, isso vai contra o propósito social fundamental da instituição.

Referências

BARROS, Nedy. **Discrição Sociolinguística de Textos de Alunos Bolivianos em Escolas Brasileiras de Fronteira – Corumbá –MS (BR)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2014. Disponível em: <https://ppgefcpn.ufms.br/files/2016/01/Nedy-de-Barros.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 20 maio 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Portaria nº 2.507, de 5 de outubro de 2021. Estabelece o conceito de cidades gêmeas nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. **Diário Oficial da União**, Brasília, edição 190, seção 1, p. 29, 06 out. 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.507-de-5-de-outubro-de-2021-350617155>. Acesso em: 19 jul. 2024.

CONDE, Mariana; BARREDA, Suzana. Panorama das Legislações no Ensino de Bésiro e sua Repercussão em Puerto Quijarro - Bolívia. *Letras*, [S. l.], v. 1, n. 66, p. 19-31, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/73750>. Acesso em: 20 maio 2024.

GODOY, Thiago. **A Multiculturalidade na Escola de Fronteira – Corumbá – MS (BR)**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2016. Disponível em: <https://ppgefcpn.ufms.br/files/2017/06/Thiago-Godoy.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

MARTINS, Gilmar. **O Atendimento ao Aluno Semi-retornado**: proposta no âmbito da educação das escolas corumbaenses – Corumbá – MS (BR). 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/7805>. Acesso em: 20 maio 2024.

MORAES, Lorival. **Bilinguismo e Jogo de Identidades na Região de Fronteira**: Escola Eutrópia Gomes Pedroso de Corumbá – MS (BR). 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2012. Disponível em: <http://ppgefcpn.sites.ufms.br/files/2016/01/Lourival-Monteiro-de-Moraes.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2024.

OLIVEIRA, Marco; ALMEIDA, Renata; AGUILAR, Mabel. Presenças de Migrantes Internacionais na Educação e na Assistência Social em Fronteira. *Revista Pra Onde!?*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 61-74, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/100086/56644>. Acesso em: 20 maio 2024.

RIBEIRO, Maria. **O Idioma e a Escola de Fronteira como Fatores de Inclusão Social de Crianças e Adolescente em Corumbá – MS (BR)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2011. Disponível em: <http://ppgefcpn.sites.ufms.br/files/2016/01/Maria-Lucia-Ortiz-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

TAVANO, Patrícia; GONÇALVES, Carlos. Prescrições Curriculares Fronteiriças: As Licenciaturas em Foco. *Revista Professare*, Caçador, v. 12, n. 1, p. e3099-e3099, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/3099>. Acesso em: 20 maio 2024.

VERNOCHI, Alcino. **Xenofobia em Ambiente Escolar Fronteiriço**: uma Análise de Estudo de Caso de Corumbá-MS (BR). 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5670>. Acesso em: 20 maio 2024.

VILELA, Gustavo. O Conceito de Cultura Entre Ilhas e Fronteira. *Revista Fronteiras e Debates*, Macapá, v. 1, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233924342.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.